APRESENTAÇÃO

História e Música

Organizado por Juarez José Rodrigues Fuão e Leandro Braz da Costa, o dossiê “História e Música” reúne um conjunto de artigos produzidos por pesquisadores dedicados a investigar as múltiplas interseções entre música e história. Os trabalhos aqui publicados, férteis em abordagens teóricas evidenciam a pluralidade de temáticas que circundam as atividades musicais praticadas por instrumentistas, intérpretes e compositores em diferentes contextos e temporalidades, expõem as variações metodológicas que as diferentes linguagens e formatos musicais mobilizam enquanto fonte de pesquisa.

O dossiê congrega cinco investigações que transitam por variados espaços geográficos, temporalidades e contextos geopolíticos, articulando questões relativas à produção, circulação e recepção musical em diferentes conjunturas. Os textos que compõem esta edição da Revista Historiae convergem no propósito comum de consolidação da música como documento histórico de relevância indiscutível, capaz de revelar tensões sociais, disputas de poder, processos identitários e dinâmicas culturais que, muitas vezes, escapam a outras fontes tradicionalmente privilegiadas pela historiografia. Dessa forma, o dossiê contribui tanto para o avanço da pesquisa acadêmica quanto para as práticas de ensino de história, reafirmando a centralidade da música como campo fecundo de investigação historiográfica.

Em “O samba na sala de aula: a canção popular negra como instrumento para a aprendizagem histórica”, Alexandre da Silva investiga o potencial pedagógico do samba – enquanto expressão musical popular afro-brasileira – como fonte documental e recurso didático para o ensino e a aprendizagem de história. Fundamentado na expansão do conceito de documento histórico promovida pela Escola dos Annales e nas noções de “documento musicográfico” e linguagem da canção, o autor argumenta que a produção musical negra oferece um contraponto às narrativas historiográficas oficiais. Além de dar visibilidade às vivências, memórias, dilemas cotidianos e formas de resistência de populações historicamente marginalizadas, a inserção da música em sala de aula, assegura um lugar de fala a esses sujeitos.

A fim de ilustrar sua abordagem, Silva realiza a análise teórico-metodológica de duas obras: “Agoniza mas não morre” (1978), de Nelson Sargento, e o samba-enredo “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão” (1988), da Estação Primeira de Mangueira (de Hélio Turco, Jurandir da Mangueira e Álvaro Caetano). O estudo aponta como ambas as composições problematizam a herança escravocrata do Brasil colonial e a perseguição às manifestações culturais afro-brasileiras, tensionando os limites da Lei Áurea ao demonstrar como o racismo estrutural e a marginalização socioespacial, como a favelização, persistem no tempo presente. Desta forma, a canção popular é posicionada pelo pesquisador como um instrumento capaz de promover a consciência crítica e a valorização da identidade negra no ambiente escolar.

Observando com extrema criticidade as ambiguidades e tensões que caracterizam as relações entre o campo artístico-musical e a ditadura militar brasileira (1964-1985), tomando como eixos analíticos as trajetórias de Geraldo Vandré e Wilson Simonal, o artigo “Música popular na Ditadura militar brasileira (1964-1985): Vandré e Simonal entre a resistência e a colaboração” de Ícaro Bittencourt problematiza abordagens historiográficas dicotômicas que reduzem as atitudes sociais aos polos da “resistência heroica” ou da “colaboração sumária”, examinando como a consolidação da indústria fonográfica e as políticas culturais de Estado forçaram os agentes artísticos a transitar por complexas zonas intermediárias. O levantamento evidencia de que maneira a construção de memórias sobre o período operou seletivamente, frequentemente obscurecendo os matizes que envolveram o engajamento estético, as demandas de mercado e as dinâmicas de coerção do regime autoritário.

Em relação aos casos empíricos, o trabalho documenta o processo de fratura simbólica que converteu Vandré, outrora alçado a ícone da oposição com o hino “Caminhando”, em uma figura enigmática e estigmatizada após seu retorno do exílio, acusado de conciliação com os militares. Em contrapartida, investiga o cancelamento artístico e o ostracismo impostos a Simonal a partir de 1971, quando acusações de delação ao DOPS o transformaram no principal “bode expiatório” das esquerdas e da imprensa alternativa. Com sólida revisão bibliográfica, registros institucionais de reabilitação e análises da recepção crítica, o trabalho demonstra como fatores mercadológicos, raciais e disputas de memória no pós-redemocratização condicionaram os julgamentos morais sobre a atuação política de ambos os intérpretes.

As trajetórias do desenvolvimento técnico e artístico dos músicos Carlinhos Perdigão, Kenny Beaumont, Elisafan Rodrigues, Marcelo

Justa, Laerte Duarte, Kazane e Carlos Fredrik, integrantes de grupos como Sub Blues, Gang da Cidade, Trakajá Blues Experiment e Matutaia, fundamentais para a consolidação da cena do *blues* em Fortaleza na segunda metade dos anos 1990, foram investigados no trabalho “Entre trajetórias, experiências e técnica: análise do desenvolvimento técnico-artísitico de integrantes da produção “blues” de Fortaleza dos anos 1990” de autoria de Leopoldo Barbosa.

Pautado no uso de depoimentos orais e estruturado em duas categorias analíticas centrais o estudo aponta como o aperfeiçoamento técnico transcendeu a mera execução instrumental para se tornar um elemento estruturante das leituras de mundo dos sujeitos envolvidos na cena musical. A investigação problematiza a formação desses indivíduos ao articular experiências de ensino formal com processos de aprendizagem autodidatas e intuitivos, revelando as dinâmicas pelas quais a prática musical consolidou suas identidades artísticas.

No campo das apropriações culturais, o artigo demonstra como o rádio, o cinema e a televisão atuaram como suportes mediadores decisivos na dissolução de fronteiras geográficas, permitindo que os artistas absorvessem referências estéticas afro-estadunidenses como o blues, o jazz e o rock 'n' roll e as reconfigurassem no contexto local. Das primeiras vivências de infância aos momentos de inflexão deflagrados pelo consumo de obras icônicas, como o filme *Crossroads* ou as transmissões de bandas e artistas como Jimi Hendrix e Van Halen, as biografias mapeadas evidenciam a maleabilidade da produção de subjetividades através de suas sonoridades. Por fim, fundamentado em referenciais sobre o potencial político e emancipatório da arte, o trabalho destaca que o domínio técnico e a atuação na cena urbana fortalezense serviram aos músicos não apenas como meio de expressão profissional, mas como instrumento de transgressão, autonomia e diálogo multicultural.

O artigo de Guinter Leipnitz e Edison Cruxen intitulado “Palavras, atiradas como pedras contra a ocupação sionista”: Uma abordagem da História da Resistência Palestina através da música” aborda o papel da música popular urbana e do hip hop palestino contemporâneo como veículos de preservação identitária, denúncia e resistência anticolonial à ocupação territorial promovida pelo Estado de Israel. Amparados pela noção de “documento-canção” e no conceito de *Sumud* (perseverança/resiliência), os autores articulam letra, ritmo e performance para demonstrar como o fazer musical pode transformar a arte em contranarrativas geopolíticas. O texto resgata o impacto histórico da *Nakba* (1948), das *Intifadas* e do regime de segregação espacial

(muros, *checkpoints* e demolições) para situar a produção artística no centro das dinâmicas materiais e estéticas de sobrevivência cultural.

A análise fundamenta-se nas produções do grupo DAM, de Shadia Mansour, do coletivo 47Soul e de Bashar Murad, mapeando manifestações artísticas que emergem tanto dos territórios ocupados quanto do exílio e da diáspora global. Ao examinarem obras específicas, os autores colocam em constante tensão temas centrais como a ressignificação do conceito de terrorismo através da crítica ao "Terrorismo de Estado", a denúncia da apropriação cultural de símbolos como a kufiya, a construção de pontes anticoloniais com o Sul Global e a emergência da pauta LGBTQIA+ no contexto palestino, por meio de canções que se apresentam como manifestações políticas de afirmação da humanidade e de recusa ao silenciamento histórico.

Finalizando esse Dossiê, o artigo de José César Gomes observa o impacto da *Pop Art* e da contracultura na construção da identidade artística de David Bowie, tomando como ponto de partida o álbum *Hunky Dory* (1971) e a faixa "Life On Mars?". O estudo argumenta que Bowie ressignificou a noção de *performance* ao transformar sua própria personalidade no objeto de arte, adotando o conceito de artista plástico e "tela vazia" inspirado por Andy Warhol. Ao romper com a busca por autenticidade típica da fase *hippie* e do rock progressivo, o músico emergiu como um expoente do *Glam Rock*, utilizando o *dandismo*, a maquiagem, a androginia e referências da cultura *mod* para evidenciar o caráter fabricado, mutável e mercantilizado da estrela pop.

Na análise específica da canção *Life On Mars?*, o pesquisador demonstra como Bowie articulou o glamour hollywoodiano e o sensacionalismo midiático com a desilusão em relação à realidade. Inspirada pela estrutura harmônica e melódica do clássico *My Way*, a música emprega modulações dramáticas, arranjos de cordas épicos e imagens do cinema de massa para ilustrar a alienação da protagonista diante do tédio cotidiano. Contudo, essa atmosfera grandiosa de espetáculo é intencionalmente desconstruída ao final do fonograma pelo som de um telefone tocando no estúdio, revelando os processos de produção e a artificialidade do produto cultural, e consolidando a visão niilista e autoconsciente que marcaria a trajetória de Bowie nos anos 1970.

Prof. Dr. Juarez José Rodrigues Fuão (FURG)
Prof. Me. Leandro Braz da Costa (UFPEL)
Organizadores do Dossiê.